

**Dal Farra, M. L., Vilela, A. L., Silva, F.M., Fina, R. (orgs.) (2021).
100 anos do Livro de mágoas. Releituras da obra de Florbela Espanca.
Sol Negro Edições/ARC Edições. Natal: 376 pp.**

MATTEO PUPILLO¹



O presente volume reúne um conjunto de 29 ensaios que se debruçaram sobre a obra de estreia de Florbela Espanca, *Livro de mágoas* (1919), e que agregou, durante três dias de congresso, realizado em dezembro de 2019 entre Lisboa e Vila Viçosa, especialistas nacionais e internacionais fascinados pela escritora calipolense.

Além da apresentação dos organizadores, a coletânea compreende quatro partes principais: «Repensando o *Livro de mágoas*», «Contribuições especiais», «Florbela fílmica» e «Florbela Espanca: releituras» – esta última desdobra-se em quatro secções: «Ensaio sobre Florbela-Poeta», «Estudos sobre Florbela-Prosadora», «Estudos sobre a recepção florbeliana: Im-

==

¹ Universidade de Évora, Centro de Estudos em Letras, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2021-6688>.

prensa, crítica, criação» e, finalmente, «Estudos sobre o mito florbeliano».

Na primeira parte, Fabio Mario da Silva concentra-se na epígrafe de Verlaine contida no *Livro de mágoas* e disserta sobre a incidência do poeta francês na poesia de Florbela, apontando para possíveis inter-relações entre os dois autores. Além disso, dedica um breve apartado do seu estudo a um soneto desconhecido de Florbela, o qual, a seu ver, poderia ter integrado o *Livro de mágoas*, dadas as semelhanças temáticas e vocabulares com os primeiros sonetos da «Bíblia de tristes»; o soneto em apreço intitula-se «Conventos».

No segundo ensaio desta mesma parte, Maria Cristina Pais Simon procede a uma leitura exploratória interartes entre as personagens femininas do pintor expressionista norueguês Edvard Munch e alguns poemas do livro de Florbela. Segundo a estudiosa, neste livro «Florbela encarna a *Menina Doente* (1885-86) e transpõe uma dor existencial em poemas-quadros» (p. 33).

A segunda parte abre-se com os agradecimentos de Joana Espanca Bacelar, a que se segue um artigo de Maria Lúcia Dal Farra consagrado ao corpo insepulto de Florbela e do seu irmão Apeles.

A terceira parte começa igualmente por um testemunho de Maria Lúcia Dal Farra acerca de uma curta-metragem realizada em Sergipe, sob o impulso de Gabriela Caldas, a

qual se encarregou de compor o roteiro, recorrendo a poemas e trechos retirados da prosa florbeliana (contos, cartas e diário), conjugando obra e biografia numa versão mais aberta e interativa.

Renata Soares Junqueira dá seguimento, de certo modo, a esse roteiro, passando em revista a película portuguesa *Florbela* (2012), de Vicente Alves de Ó, inicialmente produzida com o título *Perdidamente Florbela*. Ao examinar as películas cinematográficas, assim como algumas peças de teatro dedicadas a Florbela – nomeadamente a da autoria de Hélia Correia –, a investigadora chama a atenção para as águas, elemento simbólico a que se recorre com frequência e que se insere, segundo ela, «num ciclo perpétuo de vida-e-morte, de morte e renascimento» (p. 73).

No que diz respeito à primeira secção da quarta parte, ela consta de seis ensaios. Abre-se com o contributo de Aldinida Medeiros («“Já não sou, Amor, Soror Saudade”: A charneca em alguns poemas de Florbela Espanca»), em que a estudiosa percorre os espaços da poética florbeliana, com especial incidência na charneca, observando o universo cromático que ela apresenta, assim como a relação simbiótica entre o eu lírico e a terra mãe. Pretende mostrar, também, como a voz poética se amalgama com o seu espaço vital, ponto de partida, mas também de chegada.

Algemira Mendes e Joselita Izabel de Jesus, com base nas três categorias do erotismo conceituadas por G. Bataille (1987), tecem uma análise sobre o erotismo em Florbela, com enfoque em *Charneca em flor*. Antonio Alías esmiúça, com agudo sentido crítico, os estudos de Régio sobre a poetisa, concentrando-se na poética negativa de Florbela Espanca.

Gabriela Silva discorre sobre a representação da morte na poética florbeliana, incidindo sobre a dicotomia erotismo/morte e revelando que, em alguns poemas, a morte não se identifica necessariamente com um ser humano, mas pode simbolizar determinados sentimentos. Daí a palavra de Florbela ser capaz de congruar na sua poesia quer os impulsos de Eros, quer a desagregação do Ser, isto é, Thanatos, a finitude, «sem deixar de unir o anseio de salvação e a certeza da descontinuidade» (p. 137).

Henrique Marques Samyn, ao desencantar um poema, desprovido de título, data e assinatura, pertencente ao Espólio de Vila Viçosa (E1/2), cujo começo é «A lua ignóbil, informe / É um diamante enorme», examina o repertório imagético lunar da obra florbeliana.

Jean Pierre Chauvin apresenta um estudo assaz exaustivo sobre o soneto «Tortura» e Maria do Carmo Cardoso Mendes detém-se na análise de algumas composições poéticas de Florbela, examinando-as à luz do polo Eros-Thanatos, que molda, segundo a estudiosa, constantemente a obra poética da escritora alentejana.

A secção consagrada à prosa de Florbela Espanca inicia-se por um ensaio de Anamaria Filizola, brindando à poeta e amiga Maria Lúcia Dal Farra com um *close reading* dos discursos biográficos agustinianos, isto é, o prefácio à coletânea de contos *As máscaras do destino* (1979) e a biografia intitulada «Florbela Espanca – a vida e a obra» (1979). A estudiosa procurou tecer um *fil-rouge* entre as duas escritoras, dado que ambas se espelham na imensa força plástica que insuflam nas respectivas obras.

Andreia de Lima Andrade mapeia, na mesma secção, uma cartografia contística de Florbela Espanca, «do Dominó às Máscaras». A investigadora, buscando respaldo em Seabra Pereira, Dal Farra e Junqueira, de molde a corroborar as suas reflexões, conclui que a produção contística de Florbela revela as mais variadas leituras sobre a sua própria literatura de cariz confessional. A este propósito, invocou uma tentativa de resgate a cargo de Seabra Pereira, o qual alertou para a saliência do indissolúvel diálogo entre prosa e poesia dentro da obra florbeliana. Por seu lado, ao articular várias considerações pertinentes a respeito do jogo autoficcional na contística da escritora calipolense, a estudiosa brasileira convida os leitores a uma atenta reapreciação deste género literário a que Florbela, entre outros escritores portugueses canónicos, se dedicaram.

Edson Santos Silva apresenta uma recensão crítica à publicação do *Diário* e *O dominó*

preto, contribuição do estudioso Fábio Mário da Silva. Elisangela da Rocha Steinmetz, com base nas teorias de Todorov, propõe uma nova leitura dos contos «Mulher de perdição» (*O dominó preto*) e «As orações de Soror Maria da Pureza» (*As máscaras do destino*) pelo viés da literatura fantástica. E, por fim, Iracema Goor, ao percorrer a trajetória de Florbela Espanca como tradutora do francês, tema este que norteia a sua pesquisa doutoral, assevera, apoiando-se nas pesquisas de Chris Gerry, que as traduções feitas por Florbela constituem ressonâncias das suas ideias, remetendo inclusive para factos autobiográficos, abrindo, assim, novas janelas sobre o pensamento florbeliano.

Na secção seguinte, Adriana Mello Guimarães faz uma incursão na imprensa portuguesa, realçando que, entre 1916 e 1930, jornais e revistas concederam espaço à divulgação da poesia de Florbela Espanca. Sabemos, também, que Florbela atribuía suma importância a este meio de comunicação social e que, inclusive, se serviu dele para pedir conselhos literários. A estudiosa demonstra, assim, que até nos jornais de então surgem novas pistas de investigação a levar em consideração.

António Laginha concentrou-se no binómio poesia-dança e, após delinear um breve contexto sobre a literatura e a dança em Portugal, centra a sua atenção em Florbela, apresentando dois casos de estudo. O primeiro tem que ver com o bailado *Homenagem a Florbela* (RTP/1963), subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, e considerado, ainda hoje, «uma

das obras-primas da coreografia portuguesa» (p. 243). Por seu turno, o segundo intitula-se *Filme Florbela / RTP, 1989*, protagonizado por um grupo de bailarinos da RTP, que encenou uma curta peça acompanhada por um soneto de Florbela. Estes contributos, que traduziram a palavra em movimento, impulsionaram uma reapreciação (tardia, em Portugal) dos aspetos literários e biográficos da escritora alentejana.

Clêuma de Carvalho Magalhães procede a uma análise de teor intertextual entre Helder Macedo, Adília Lopes, Hélia Correia e Florbela Espanca, observando o modo como os reflexos narcísicos identificados nas respetivas obras evidenciam a problemática da crise de identidade.

Flávia Maria Corradin, à luz de duas peças, ambas sob o mesmo título, *Florbela*, escritas pela portuguesa Hélia Correia e pelo brasileiro Alcides Nogueira, examina a relação que intercorre entre paradigma e intertexto, procurando responder a questões tais como «qual o valor estético que as duas peças revelam?», ou ainda, «qual a contribuição de tais textos para a fortuna crítica da obra de Florbela Espanca?».

Luzia Machado Ribeiro de Noronha, com base no conceito de Literatura Viva (cunhado pelos presencistas), entre outros em que a autora se apoia, discorre sobre a leitura como vivência, possibilitando-nos uma reflexão pelas vias do diálogo-existência entre Florbela e Maria Lúcia.

Tiago Passão Salgueiro apresenta o Projeto da Casa-Museu de Florbela Espanca, criado em

2014, relembando os objetivos do mesmo e destacando o seu propósito fundamental: proteger e valorizar o legado cultural desta escritora, cujo acervo possibilita aos seus leitores e estudiosos uma compreensão cabal da sua obra.

Zuleide Duarte, numa perspetiva comparada, ciente de que a literatura extravasa as fronteiras, tece um diálogo transatlântico entre Florbela Espanca, Cecília Meireles e Alfonsina Storni, discutindo «coincidências e até soluções formais» (p. 311), encetando, deste modo, novas e originais pistas de investigação.

Finalmente, na quarta e última secção deste volume, Deolinda Santos da Costa, à luz da relação entre psicanálise e literatura, debruça-se, atendendo ao *corpus* epistolográfico da escritora calipolense, sobre a relação entre Florbela e o seu irmão, Apeles, bem como entre Florbela e alguns dos seus interlocutores como Júlia Alves, António Guimarães e Guido Battelli, de cujas correspondências emergiram temas como o desejo, o luto e a ambição cósmica, eternizados na sua escrita, seja ela prosística ou poética.

Isabel Ponce de Leão propõe-se fazer uma leitura «antes projetiva, de distanciamento», de modo a sublinhar a atualidade de uma obra atemporal, apaixonante e inclusive madura como a de Florbela. Segundo a estudiosa fez notar, Florbela foi a escritora que, com a sua força indómita, se impôs nas letras portuguesas contra o falso pudor dos grilhões sociais, resgatando as mulheres que a pre-

cederam e revelando-se, sem medo, entre as suas oscilações eufóricas e disfóricas.

Marisa Mourinho assevera que a biografia de Florbela se confunde, no imaginário público, com o conhecimento da sua obra. Além disso, analisa algumas das críticas dirigidas à poeta aquando das suas primeiras publicações em jornais e revistas, frisando uma evidente incapacidade por parte da crítica de então ao lidar com o fenómeno poético Florbela; tratava-se de uma escrita arrojada, que não se deixou prender pelas amarras sociais e que viu na palavra não só o instrumento para elevar o seu canto contra as injustiças, como também o seu único lugar de escape.

Robin Driver escrutina os paradoxos que se foram criando à volta de Florbela Espanca, concentrando-se na contribuição dada pela «Mulher da língua de fogo» (Natália Correia) para a valorização do legado literário da escritora alentejana.

Em jeito de conclusão, importa destacar que todas estas contribuições, além de trazerem à baila novos elementos e faces da poesia de Florbela Espanca e enriquecerem a bibliografia crítica sobre esta figura cimeira das letras nacionais, impulsionam os leitores – (estudantes e estudiosos/as da obra de Florbela) aos quais este volume se dirige – a explorar novos caminhos de investigação, alguns dos quais pouco batidos até à data (a imprensa florbeliana constitui decerto um deles).